

DIES IRAE

Dies irae. Rei furioso.
Ar de chamas. Chão de fogo.

Meus intestinos desfeitos,
atados a dois chavelhos.

Minhas unhas arrancadas,
minhas culpas denunciadas.

E o olhar de Deus fixo em mim,
eu ladrão, eu assassino.

Estou nu, sexo a mostra:
eis o final episódio.

E esse afiado igneo chugo
embebendo-se em meu púbis!

E o olhar de Deus em queimando
sangue, fígado, olhos, crânio!

E essa corda me enforcando
e a ira de Deus incessante!

E os dois ouvidos furados
pelos delitos contados!

Dies irae. Rei furioso
vem julgar-me pelo fogo.

O céu e a terra abalados,
o tempo sem calendário.

Muros escuros se erigem
limitando a terra e a vida.

E os Dois Olhos duros, fixos
na minha nudez homicida.

Dies irae. Rei furioso
Juiz justo vingador.

Ira de Deus me roendo,
língua ignea, fogo lento.

O pranto da criatura
sem eco que o atenua.

O grito entre as mandíbulas,
A própria morte exaurida.

Dies irae. Rei furioso
vem julgar-me pelo fogo.

Senhor, sou cinza. Perdoai
a cinza de tua praça.

Dies irae. Rei furioso
purificai-me em teu fogo.

(Dia de Finados de 1948).